

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

ÉLEN RODRIGUES GONÇALVES

**UM OLHAR SOBRE O ESQUECIDO:
Proposições didáticas para o ensino de Literaturas Africanas de Língua
Portuguesa a partir de São Tomé e Príncipe**

Juiz de Fora - MG

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GONÇALVES, Élen Rodrigues.

Um Olhar Sobre o esquecido: Proposições didáticas para o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa a partir de São Tomé e Príncipe / Élen Rodrigues GONÇALVES. – 2017. 49 p.

Orientadora: Edimilson de Almeida PEREIRA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa . 2. Literatura Santomense. 3. Conceição Lima. 4. Alda do Espírito Santo. I. PEREIRA, Edimilson de Almeida, orient. II. Título.

ÉLEN RODRIGUES GONÇALVES

**UM OLHAR SOBRE O ESQUECIDO:
Proposições didáticas para o ensino de Literaturas Africanas de Língua
Portuguesa a partir de São Tomé e Príncipe**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em História da África, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira

Juiz de Fora - MG

2017

Élen Rodrigues Gonçalves

**UM OLHAR SOBRE O ESQUECIDO:
Proposições didáticas para o ensino de Literaturas Africanas de Língua
Portuguesa a partir de São Tomé e Príncipe**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em História da África, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em de de

Banca Examinadora:

Prof^a

Examinador UFJF

Prof.

Examinador UFJF

Orientador

Juiz de Fora - MG

2017

Dedico este trabalho aos meus pais, principais formadores de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A produção deste Trabalho de Conclusão de Curso não teria acontecido sem a ajuda e a participação de algumas pessoas, que foram fundamentais para todo o processo de escrita e de preparação de minha formação, ao longo do ano 2016.

Primeiramente, devo agradecer a todo o corpo docente e à direção do curso da pós Áfricas pela oportunidade de ingresso no curso e participação das aulas, proporcionando-me um aprimoramento do meu conhecimento sobre a área na qual pretendo especializar-me sempre mais.

Agradeço aos tutores Jéssica Costa, Juliana Ananias e Eduardo Ferraz, bem como ao Daniel Prieto, pela gentileza e atenção de sempre em nos auxiliarem prontamente em quaisquer dúvidas ou problemas.

Agradeço ao professor Fernando Lamas, em cujas aulas de Seminário, eu pude reconhecer as lacunas que ainda devo sanar com relação ao meu trabalho como professora recém-formada.

Agradeço ao meu orientador Edimilson Pereira, pela revisão atenta do trabalho, mesmo no pouco tempo que lhe coube, além do apoio e incentivo de sempre.

Agradeço aos meus pais, Helena e Luiz, pelo apoio incondicional e incentivo nas horas mais difíceis e de cansaço. Aos meus irmãos, Natália, Luíse e Henrique que compreenderam meus momentos de ausência no período das aulas. À minha avó Naná, por eu saber, apesar de todas as dificuldades, que sempre esteve ao meu lado.

Meu agradecimento aos meus amigos, colegas de trabalho e de jornada, por toda a paciência e por estarem, de alguma forma, sempre presentes, apoiando-me em minhas escolhas.

*E quando te perguntarem
responderás que aqui nada aconteceu
senão a euforia do poema*

Conceição Lima

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso para a Especialização em História da África visa, primeiramente, atender à Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História da África e culturas africanas e afro-brasileiras, no currículo escolar brasileiro. Pretende-se, portanto, apresentar um material didático que não só atenda às exigências da Lei como também possa aumentar o número de proposições pedagógicas que auxiliem os professores em sala de aula e tornem seu ensino mais completo e interessante para os alunos. Para isso, este estudo tem a intenção de apresentar uma proposta de ensino de Literatura Africana de Língua Portuguesa, mais precisamente, a literatura produzida em São Tomé e Príncipe, a partir da ótica de duas poetisas importantes para a formação da identidade literária de seu país: Alda do Espírito Santo e Conceição Lima. O objetivo deste trabalho é evidenciar, sobretudo, a madura produção literária de um arquipélago que precisa ser conhecida e estudada.

Palavras-chave: Ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Literatura santomense. Conceição Lima. Alda do Espírito Santo.

ABSTRACT

This Final Paper for postgraduate in broad sense in History of Africa aims, firstly, to regard the Law 10.639/03, that makes obligatory the education of History of Africa, also African and Afro-Brazilian cultures in Brazilian school curriculum. It is intended, therefore, to show a didactic material that not only heeds the requirements of the Law, but may also increase the number of pedagogical propositions that help teachers in the classroom and make their teaching more complete and interesting for students. Thereby, this study intends to present a proposal of teaching of African Literature of Portuguese Language, more precisely, the literature produced in São Tomé and Príncipe, from the perspective of two important poets for the formation of the literary identity of their country: Alda do Espírito Santo and Conceição Lima. The objective of this work is to highlight, above all, the mature literary production of an archipelago that needs to be known and studied.

Key-words: Alda do Espírito Santo. Conceição Lima. Literature of São Tomé and Príncipe. Teaching African Literature of Portuguese Language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	P. 10
2 OBJETIVOS	P. 12
2.1 OBJETIVOS GERAIS	P. 12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	P. 12
3 METODOLOGIA	P. 14
3.1 BIBLIOGRAFIA DE APOIO	P. 15
3.2 SOBRE AS AUTORAS	P. 18
4 PROPOSTA DE ATIVIDADE	P. 20
5 PORTFÓLIO	P. 31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	P. 44
7 REFERÊNCIAS	P. 47
7.1 REFERÊNCIAS DA PROPOSTA DIDÁTICA	P. 47
7.2 REFERÊNCIAS DO PORTFÓLIO	P. 48

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em História da África, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tem como objetivo apresentar um material didático que atenda à Lei 10.639/03, cuja principal intenção é promover as relações étnico-raciais no âmbito escolar e, especialmente, a inserção do ensino de História e Cultura Africanas e Afro-brasileira nas Diretrizes Curriculares Nacionais, a fim de valorizar as diferenças e diminuir dois dos principais aspectos que caracterizam a educação do Brasil: a história de racismo na qual estamos inseridos, bem como a institucionalização de um espaço escolar branco, eurocêntrico, por isso excludente. O currículo escolar deveria estar aberto à pluralidade cultural, que configura a formação de nossa sociedade, contudo, na prática, isso não se aplica. Basta notar que as culturas de matrizes indígenas e africanas são suplantadas pela de matriz europeia, interferindo, assim, nas políticas de ações afirmativas e inclusivas promovidas pela Lei.

Se a intenção primeira é de se produzir um material didático que possa ser disponibilizado para instituições educacionais e ser utilizado por professores desde o Ensino Básico ao Ensino Médio, a segunda, e principal, justifica-se pelo fato de ainda hoje haver poucos materiais especializados tanto aos professores da área trabalharem conteúdos como História da África ou culturas africanas e afro-brasileira, quanto aos educandos que se sintam interessados pelo assunto.

Procura-se, portanto, facilitar as práticas pedagógicas em sala de aula, com o objetivo de criar materiais adequados que possam promover um diálogo entre discentes e docentes que estejam em busca do olhar, “da cosmovisão do africano, sua concepção de universo, da vida e da sociedade” (GOMES; AMÂNCIO; JORGE, 2008, p. 43), criando-se uma nova perspectiva sobre a África, livre de estereótipos e preconceitos.

Concebemos ainda hoje a ideia de que os países africanos são carregados de miséria, destruição e analfabetismo ou permeados por cultura e costumes exóticos e extravagantes. Esse imaginário é reducionista e não nos permite reconhecer sua verdadeira força intelectual e cultural. Embora muito tenha sido feito para suprir as nossas faltas, desde a criação da Lei 10.639, há, ainda, várias fissuras a serem cobertas com relação ao nosso conhecimento sobre as identidades culturais e literárias de todas as Áfricas.

Estudar/ ensinar, por sua vez, os textos literários de seus países seria um passo para conhecer não só a riqueza intelectual, mas, sobretudo, histórica e cultural do continente. Resultantes da resistência do período colonial e frutos das lutas de libertação do colonialismo do século XX, os textos literários dos países africanos – em especial, os de língua portuguesa – ajudam-nos a compreender não só os contextos nacionais e os períodos históricos vividos de maneira única em cada país, como especialmente vislumbrar uma escrita literária que merece ser lida e difundida.

Optou-se, dessa forma, por se produzir um material didático sobre Literatura Africana de Língua Portuguesa de um país africano que atualmente ainda é pouco estudado. Apesar do número reduzido de poetas, São Tomé e Príncipe reúne algumas das constantes mais significativas da poesia africana de expressão portuguesa, que canta o problema da libertação do homem, que ultrapassa as fronteiras do arquipélago para revestir uma amplitude de caráter universal.

O objetivo deste trabalho, portanto, é fornecer um material didático sobre duas grandes poetas de São Tomé e Príncipe, que, embora pertençam a momentos diferentes da história do arquipélago, dialogam entre si e nos permitem captar o olhar feminino sobre a luta de libertação colonial a partir da primeira metade do século XX, bem como as sequelas da colonização de um país já liberto e independente, que paulatinamente se reconstrói em meio às adversidades de questões políticas e econômicas que enfrenta na atualidade.

A primeira poeta, Alda do Espírito Santo, nascida em 1926, lutou ativamente em prol da independência de São Tomé e Príncipe. Sua obra poética encontra-se intimamente ligada à expressão de um sentimento nacional, bem como à afirmação de uma consciência africana. Desde 1975, ano de independência do seu país, Alda tornou-se Ministra da Educação e Cultura, Presidente da Assembleia Nacional e Secretária-Geral da União Nacional de Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe, empreendendo uma incansável busca da transformação de seu país, sendo, inclusive, autora do hino nacional: *Independência Total* (BERG, 2008). Além de constar em uma série de antologias organizadas por vários autores, Alda tem uma vasta produção literária: oito obras poéticas publicadas em São Tomé e em Lisboa, uma antologia organizada pela própria autora e na qual se encontram poemas de sua conterrânea Conceição Lima.

Apesar de sua extensa fortuna poética, verifica-se dificuldade de acesso a suas obras. Como a maioria foi publicada ou em São Tomé ou em Lisboa, o acesso mais fácil à sua poesia é pela internet, ainda que a um número reduzido.

Trinta e cinco anos mais jovem, Conceição Lima encontra-se ainda em constante produção. Poeta e jornalista, natural da ilha de São Tomé, Conceição presenciou, em sua infância, o período de grandes transformações políticas e históricas, reivindicadas pelo seu continente, em nome do resgate de uma identidade própria. Em sua juventude, partiu de São Tomé e Príncipe para estudar Jornalismo, em Portugal, e, após alguns anos, licenciou-se em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros pela *King's College*, de Londres, cidade onde passou a residir e trabalhar. Até hoje, a autora conta com três livros de poesia publicados, dois dos quais recentemente editados por editoras brasileiras, facilitando o acesso às suas obras.

A partir de Alda do Espírito Santo e Conceição Lima, pretende-se estudar a formação literária de São Tomé e Príncipe, que, de alguma forma, embora seja bastante incipiente, mostra-se comprometida em revelar a riqueza não só vocabular, por unir no português expressões em crioulo (ou forro), mas também por sua temática, que vê na expressão poética, o espaço da denúncia – seja da condição da mulher subordinada muitas vezes a um sistema patriarcal e machista, seja da condição do cidadão africano, que ainda vive sob a sombra do passado colonial. Por meio de seus textos poéticos, será possível estabelecer um vínculo com o passado e o presente históricos do arquipélago que, de forma recorrente, configurar-se-á como a metonímia do próprio continente.

Nota-se, portanto, que a proposta didática deste Trabalho de Conclusão de Curso pretende ser, sobretudo, interdisciplinar e elucidativa. Não se pretende elaborar um material denso, que se aprofunde em cada aspecto da literatura santomense, visto que não serão abordados vários autores, tão importantes quanto Conceição Lima e Alda do Espírito Santo, que contribuíram igualmente para a formação da identidade intelectual e literária do país. Pretende-se, na verdade, criar um objeto de estudo que sirva de base para que o professor possa situar essa literatura em sala de aula, incentivando os alunos e abrindo perspectivas seguirem o mesmo caminho de forma autônoma e interessada, empreendendo outras buscas.

Dividido em seis capítulos, incluindo a Introdução e as Considerações Finais, o desenvolvimento do texto ficou dividido em quatro capítulos. No segundo capítulo,

evidenciam-se os objetivos, gerais e específicos, a serem alcançados pelo professor que se interesse pela proposta didática aqui oferecida.

No capítulo três, a fim de melhor contextualizar a proposta pedagógica para o leitor/professor que intencione trabalhar o material em sala de aula, consta a Metodologia, abarcando os seguintes aspectos: as principais fontes bibliográficas pesquisadas para a produção do material didático e a contextualização histórica e literária do papel de cada uma das autoras.

No capítulo quarto, será oferecido o material didático, que pode ser usado como base pelo professor. Como já foi dito anteriormente, embora essa proposta didática de ensino da literatura santomense não possa cobrir todas as lacunas que ainda persistem nesse âmbito, ela pretende fornecer ao professor uma base introdutória para sucessivos e diversificados trabalhos, proporcionando a professores e alunos interesse e autonomia na busca de novas fontes e novos autores.

O capítulo cinco, destinado ao Portfólio, é o resultado de um trabalho desenvolvido ao longo do ano 2016, durante o curso de especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pelo professor doutor Fernando Gaudereto Lamas que, por meio de seminários, apresentou-nos um novo olhar sobre o ensino de culturas africanas e afro-brasileira no âmbito escolar, ressignificando nosso imaginário sobre a África, sobretudo a forma como devemos abordá-los em sala de aula.

O portfólio oferece uma base introdutória para a reflexão, uma vez que a produção deste texto provoca reflexões sobre o próprio ensino que tivemos como estudantes: uma educação fundamentalmente eurocêntrica, essencialmente branca, e veladamente racista. O processo de escrita desse portfólio, associado às aulas lecionadas por professores de distintas áreas, permitiu-nos reconhecer que a visão que nos fora imposta, ainda quando crianças, sobre a África – seja na escola, em casa, na televisão, etc. –, de alguma forma, ainda se encontra enraizada em nossa cultura e sociedade. Desse modo, nossa função como professores, conscientes e preocupados com a qualidade de ensino de nosso país, é oferecer uma nova forma de pensar o continente, a fim de não repetirmos os mesmos pré-conceitos e estereótipos dos quais a nossa geração é fruto.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Promover, por meio do estudo da trajetória literária de duas autoras, cujo pensamento crítico constitui um importante olhar sobre o próprio país e o continente, um material que possa ser compartilhado entre pesquisadores e educadores interessados nos estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, mais especificamente, a literatura produzida em São Tomé e Príncipe.

2.2 ESPECÍFICOS

Formar professores sensíveis à pluralidade cultural e étnico-racial no ambiente escolar, a fim de estimular o interesse pelas culturas de matriz africana.

Ressignificar o imaginário sobre a África, como um continente permeado de riquezas culturais, literárias, musicais, etc.

Proporcionar, aos professores, materiais didáticos mais amplos para desenvolver trabalhos interdisciplinares sobre as Áfricas.

3 METODOLOGIA

O papel do intelectual africano na atualidade tem uma considerável importância, uma vez que sua voz transita entre as aspirações individuais e coletivas do seu continente. Os processos de formação da identidade cultural e da constituição da nacionalidade na escrita santomense, sobretudo em Alda e Conceição, evidenciam que a escrita pode ser, muitas vezes, revolucionária e edificadora de novas consciências.

A poética santomense ainda é pouco analisada no âmbito acadêmico e menos ainda estudada no espaço escolar, de forma que, se os livros didáticos do Ensino Médio, hoje, abordam Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, os países que os autores mais dedicam sua atenção normalmente são Moçambique e Angola. Ainda assim, a literatura desses países tampouco recebe a atenção merecida, considerando que, se, por um lado, há a obrigatoriedade do seu ensino, por conta da

Lei 10.639, por outro lado, geralmente, o espaço destinado a esse assunto no livro didático é o último capítulo – ou sequer é destinado como capítulo, sendo abordado como apêndice¹ – de modo que a singularidade da literatura de cada país dificilmente é abordada com profundidade pelo professor em sala de aula.

3.1 BIBLIOGRAFIA DE APOIO

A unidade de análise do Trabalho de Conclusão de Curso terá uma caracterização acadêmica, a fim de se produzir um material que possa ser levado à prática nas escolas, para promover a inserção de novas perspectivas culturais sobre o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Para isso, recorro a Nilma Lino Gomes, Iris Maria da Costa Amâncio e Míriam Lúcia dos Santos Jorge, para as quais “não basta constar na Lei que rege a educação nacional a importância dos povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. [...] urge que a escola assuma o papel de revisora” (2008, p. 34-35).

De fato, para conter práticas racistas que ainda perduram em nossa sociedade, a escola, como uma instituição formadora do indivíduo, precisa ser um ambiente no qual seja possível discutir assuntos como História da África, bem como da escravidão, além dos processos de construção ideológica que sustentam as ideias racistas, para haver assim um espaço propício para a promoção e aceitação das diferenças. Segundo as autoras, o problema é que o “Brasil é visto miticamente como o paraíso, por excelência, da harmonia racial e da diversidade cultural” (2008, p. 35), e isso impede muitas vezes a criação de uma reflexão crítica sobre as questões sociais e culturais, cuja urgência de discussão é relegada a um segundo plano, de forma que se pode constatar que educação e cultura na sociedade brasileira caminham separadas.

Como bibliografia de apoio para a realização do presente trabalho, optou-se por utilizar como base de estudos a obra *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica* (2008), das autoras anteriormente citadas: Iris Maria da Costa Amâncio, Nilma Lino Gomes e Miriam Lúcia dos Santos Jorge, intitulada. A partir da

¹ Os livros didáticos para ensino médio *Painel da Literatura em Língua Portuguesa*, de José de Nicola (2006), bem como *Literatura em Contexto*, de Clenir Bellezi de Oliveira (2012), são exemplos nos quais, o assunto destinado a Literaturas Africanas de Língua Portuguesa aparecem como apêndice.

leitura atenta desta obra, foi possível observar o impacto da Lei 10.639/03 no currículo educacional, especialmente em escolas públicas do nosso país:

A Lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais trazem em si uma concepção emancipatória de conhecimento. Nelas está contida a ideia de que conhecer e compreender a história e a cultura africana e afro-brasileira é mais um passo no processo de libertação do racismo ambíguo ainda impregnado no imaginário e nas práticas sociais e pedagógicas (2008, p. 153- 154).

Nota-se que a intervenção da Lei não permite apenas pensar novas formas de práticas pedagógicas, mas permite entrever iniciativas concretas, por professores preocupados em tornar o ensino de História da África e de culturas africanas e afro-brasileira possível, o que denota especialmente a intenção do curso de Especialização em História da África, sediado pelo instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, nos anos de 2015 e 2016.

Para ler com prazer, obra produzida pelas organizadoras Ana Paula Teixeira Porto, Denise Almeida Silva e Luana Teixeira Porto (2015), realiza propostas didáticas para o ensino de literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena para a sala de aula. Além de ter acesso a várias propostas de atividades que serviram de inspiração para o material didático exposto no próximo capítulo, nessa obra, as autoras veem na Lei, o principal intuito de

contribuir para construção compartilhada de ideias que, dentro e fora do ambiente escolar, façam a diferença, que se transformem em práticas cotidianas de resgate e respeito, de reconhecimento e de vivência de valores existenciais de que essas duas vertentes étnicas – a negra e a indígena – são repositórios de inestimável grandeza espiritual e sociocultural (2015, p. 10).

Outra importante obra que será essencial para fazer um estudo das poetisas em questão é *Polifonias Insulares*, de Inocência Mata (2010): a autora parte de um cuidadoso estudo da literatura santomense para compreender a história, a cultura e a sociedade do arquipélago africano, afirmando a originalidade de um país cuja produtividade literária, embora seja considerada escassa, só ela é capaz de expressar e exprimir os santomenses e sua cultura (MATA, 2010, p. 10).

É necessário, portanto, reiterar a singularidade de um país cuja produção literária é considerada limitada, a fim de negar a ideia de que a literatura

santomense – tal como seu país – sofre por sua dupla perifericidade (MATA, 2010, p. 10), seja por se tratar de uma literatura africana de língua portuguesa e, por isso, não receber a atenção merecida, seja por ser uma literatura periférica entre as literaturas que recebem o mesmo estatuto.

A intenção deste trabalho é, portanto, deixar à mostra a ideia defendida com afinco por Inocência Mata em sua obra: “um investigador não pode, creio, ‘refugiar-se’ constantemente no argumentário de que não tem acesso ao material que investiga, pois tal atitude contraria a natureza da sua atividade, que é precisamente a pesquisa!” (2010, p. 53).

Muitas vezes, a falta de materiais suficientes sobre o assunto desestimula o professor em sala de aula. Desse modo, conforme aponta Véra Neusa Lopes (2005, p. 187), em seu artigo “Racismo, preconceito e discriminação”, “é preciso ajudá-los, pondo ao seu alcance pistas pedagógicas que coloquem professor e alunos frente a frente com novos desafios de aprendizagem”. Lopes comenta sobre a necessidade de se produzirem atividades pedagógicas que ultrapassem as fronteiras da sala de aula, a fim de atingir a comunidade ao seu redor e diminuir a discriminação racial, étnica e cultural. Isso só pode ser feito, segundo a autora, se professores e alunos trabalharem juntos, para construírem novos conhecimentos e aprendizados,

[...] desmistificando situações de racismo, preconceito e discriminação arraigados nos grupos sociais e nas pessoas individualmente. Nesse aprender coletivo, professor e alunos acabam por enriquecer o processo educativo para ambos os sujeitos de aprendizagem. [...] o investigar e o aprender juntos garantem aprendizagens de melhor qualidade, porque ruídas coletivamente. (LOPES, 2005, p. 189).

Nesse sentido, ensinar/estudar literatura produzida na África lusófona significa, antes de tudo, buscar a compreensão das tradições culturais, das marcas de oralidade, das religiosidades, enfim, das diversas formas de ver e sentir o mundo africano, cuja autonomia identitária e cultural, de alguma forma resistiu e perdurou, a despeito da tentativa empenhada do colonizador português de suplantá-las suas manifestações artísticas,.

Entre essas tentativas, basta pensar na implantação da língua portuguesa, importante veículo de imposição política. Contudo, se houve, por parte dos portugueses, uma intenção de anular a cultura africana impondo-lhes a sua própria,

“foi, por meio dela, que os africanos passaram a ser lusófonos e a se expressarem nela como forma de não apagamento de suas tradições anteriores à chegada do homem europeu luso”, conforme afirma Silvia Niederauer em seu artigo “África lusófona: da oralidade à crítica na arte literária” (2015, p. 94).

É importante notar que, se antes a língua portuguesa serviu como instrumento de subserviência e controle de uma cultura sobre a outra, ela se tornou paulatinamente arma contra o próprio sistema colonial que fora imposto à África lusitana: a língua passou a servir como luta de consciência política e construção de um pensamento crítico da condição desses países na atualidade, artifício que será utilizado pelas poetisas estudadas neste trabalho. Nas palavras de Silvia Niederauer, a língua portuguesa, que se tornou oficial nos países africanos colonizados por Portugal, é capaz de instaurar “a atualidade, que congrega a tradição pretérita e que projeta esses países na esfera da globalização e de uma nova mirada a sua condição, até então periférica” (2015, p. 96).

3.2 SOBRE AS POETAS

Optou-se, neste trabalho, por produzir um material didático sobre a literatura santomense que transite apenas no âmbito da poesia, porque tanto no período colonial, como no pós-colonial, mais do que a narrativa, esse gênero sempre se fez mais forte e mais presente em São Tomé e Príncipe, como observa Inocência Mata:

Tal ‘herança’ é consolidada nos tempos de emergência. Note-se, por exemplo, a desigual produção que se verificou na colaboração são-tomense na *Mensagem* (Lisboa), da Casa dos Estudantes do Império: apenas Alves Preto (pseudónimo de Tomás Medeiros enquanto contista) assina dois contos nessa emblemática publicação, ‘Um homem igual a tantos’ (1959) e ‘Aconteceu no morro’ (1960) – embora se deva assinalar a existência de dois contos de Francisco José Tenreiro, ‘Nós voltaremos juntos’ (1942) e ‘Tarde de tédio’ (1946), normalmente não considerados pelos estudiosos das literaturas africanas, por não serem de motivação são-tomense; e apesar de Sum Marky (José Ferreira Marques), um escritor da intercalaridade colonial, ser apenas ficcionista, **a balança pende notoriamente para o lado de uma escrita marcada pela *subdominante* emotiva. Ainda hoje este ‘desequilíbrio’ é visível na quantidade de poesia publicada nos últimos anos (1998-2006), face à produção narrativa:** na verdade, nas duas colecções inauguradas, em 2001, pelo Centro Cultural Português/Instituto Camões de São Tomé, posteriormente ‘transferidas’ para a UNEAS – União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe –, a coleção de poesia, ‘Acácia Rubra’, é

muito mais prolífera do que a coleção que se dedica à prosa, 'Flor de Eritrin', que inclui também textos ensaísticos e apontamentos narrativos. (2010, p. 55, grifos meus).

A poesia santomense só se dará como sistema a partir do século XX, período em que haverá interação entre obra, autor e público. Até então, ela era apenas marcada pela escrita jornalística, com temáticas em torno da política, sociedade e economia do país (MATA, 2010, p. 56). Como a proposta didática deste Trabalho de Conclusão de Curso é aprofundar-se na poesia de dois períodos distintos, que dialogam entre si, escolheu-se abordar a escrita produzida a partir do século XX, cujas primeiras décadas são marcadas especialmente pela poesia de Alda do Espírito Santo. Sua poética caracteriza-se por um discurso configurador da etnicidade literária, ou mais, por uma escrita de projeto claramente nacionalista e de formação de uma identidade necessária em tempos de luta e de resistência contra o regime colonial da época.

A poesia de Alda tem, dessa forma, a intenção de transgredir as ideologias fundadas no período colonial: "porque se vivia um período de cerceamento das liberdades cívicas, a literatura era o mais acessível 'veículo' de contestação" (MATA, 2010, p. 69). De fato, a literatura produzida nesse período vincula-se especialmente à ideia de afirmação de uma identidade cultural africana, combatendo o sistema colonial, a exploração, a precariedade social e econômica sofridos em São Tomé e Príncipe. Por esses motivos, a escrita desse período é carregada por uma temática panfletária, de intenção ufanista.

A partir da segunda metade do século XX, com São Tomé e Príncipe já independente, nota-se uma espécie de reescrita do discurso da identidade nacional pela voz da poeta Conceição Lima. Sua poesia "concilia [...] a dimensão lírica com a épica, que se atualiza na reconstituição memorial da narrativa da nação" (MATA, 2010, p. 76).

A poesia de Conceição Lima é marcada, por sua vez, por uma certa angústia ou amargura de um tempo, cujos sonhos de uma sociedade mais justa e igualitária não se realizaram propriamente após a independência de seu país. Apesar disso, é possível notar uma espécie de harmonia intimista e histórico-social em sua poética, que dignifica o homem santomense, reafirmando sua identidade insular.

A proposta de atividade didática apresentada no próximo capítulo dará continuidade à análise das duas poetisas, bem como da história colonial e de

libertação de seu país de origem. Primeiramente, será feita uma contextualização histórico-social de São Tomé e Príncipe, para, mais tarde, oferecer um recorte com a apresentação das poetisas em questão. Por meio de uma seleção de textos poéticos das duas autoras, pretende-se fornecer, em conjunto, pequenos textos de análise que facilitem a compreensão dos alunos. Ao fim, serão apresentadas proposições de atividades e referências de materiais de apoio para alunos e professores.

Pretende-se, por fim, oferecer um material que possa ser utilizado para professores da primeira à terceira série do Ensino Médio, que já têm uma base de formação literária brasileira e portuguesa. Ressalta-se que, se a literatura africana de língua portuguesa tem muito de lusitana, devido a sua formação, atualmente, há também considerável influência de autores brasileiros nos quais as literaturas africanas de expressão portuguesa hoje se espelham. Dessa forma, torna-se possível aos professores e aos alunos fazer conexões entre as três culturas.

4 PROPOSTA DE ATIVIDADE

Poesia africana de língua portuguesa Literatura de São Tomé e Príncipe

Portugal e a conquista da África

A presença portuguesa no território africano deu-se especialmente a partir da Revolução de Avis (1383-5), acontecimento que impulsionou as grandes navegações. A aliança entre o rei e a nascente burguesia mercantil, as necessidades financeiras da aristocracia, bem como a força da Igreja, formaram um complexo esquema que levou os portugueses à sua primeira conquista ultramarina: a Tomada de Ceuta, em 1415, na parte marroquina do atual Estreito de Gibraltar.

Logo após esse acontecimento, o infante D. Henrique tornou-se o governador-geral, cujo poder político, religioso e militar permitiu-lhe iniciar a política expansionista no norte da África. As motivações para a conquista do continente africano eram várias, entre as quais havia interesses:

- **religiosos:** a Guerra Santa e o ideal das Cruzadas de levar o cristianismo;
- **cavaleirescos:** o rei D. João I, o Mestre de Avis, precisava legar aos seus filhos, territórios e títulos;

- **políticos:** era preciso pôr fim à crise econômica pela qual passava a nova dinastia;
- **econômicos:** a busca por especiarias, riquezas e, especialmente, pela necessidade de mão-de-obra escrava.

A expansão portuguesa

Na expansão portuguesa houve de tudo um pouco: descobrimentos, em absoluto, e não apenas para os europeus, de novas terras, novos mares, novas estrelas; evangelização com mão armada e também com martírio e novos métodos linguísticos; troca de riquezas, de ideias, de técnicas, de animais e de plantas; guerra e paz armada com violência extrema de todas as partes; fome de honra; coragem para além do que pode a força humana; altruísmo, sacrifício; antropofagia no limite e recusa dela; confronto de culturas.

Enquanto a Europa mergulhava em intermináveis guerras de poder, sob bandeiras religiosas, o que fazia correr então os portugueses? A fome do ouro e das riquezas, o cheiro da canela, a fama, o medo com suas correias de obediência, a ânsia de poder, a fé em Deus, essencial para esconjurar os demônios e a morte e para o perdão dos horrorosos pecados, o espírito de aventura, o desejo de ir mais além, o apelo do desconhecido.

COELHO, Antônio Borges. Os argonautas portugueses e o seu velo de ouro (séculos XV-XVI). In: **História de Portugal**. Bauru: EDUSC; São Paulo: UNESP; Lisboa: Instituto Camões, p. 58-9.

São Tomé e Príncipe: de colônia a país independente

Desde a conquista de Ceuta (1415), a região tornou-se um sorvedouro de recursos até fins do governo de D. Manuel I (1521), que presenciou a decadência de do comércio dos produtos asiáticos, bem como o desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer-Quibir. Se primeiramente a expansão portuguesa deu-se especialmente em Guiné-Bissau e em Angola, seus domínios logo se estenderam para atender à demanda de alguns produtos como ouro, marfim, especiarias e escravos. Logo, Cabo Verde, por exemplo, tornou-se um entreposto para o comércio de escravos.

Vale lembrar que a política colonialista portuguesa na África foi muito distinta daquela feita no Brasil, uma vez que o país recebeu uma estrutura administrativa que mais se aproximava aos modelos da Corte, especialmente após a vinda da família Real ao Brasil. Após a independência do país, no século XIX, e o conseqüente fim do tráfico negreiro, bem como o avanço da industrialização, houve necessidade em se mudarem as estratégias portuguesas sobre o território africano. Nesse período, Portugal investe na tentativa de uma ocupação mais efetiva, a fim de barrar também a investida de ingleses, franceses, holandeses e alemães sobre seus territórios.

Com a Conferência de Berlim, em 1885, na qual participaram 14 países europeus, além dos Estados Unidos e da Rússia, foi assinado o Ato Geral, que promovia uma espécie de direito público colonial: em outras palavras, a África foi

partilhada entre os países que efetivamente promovessem uma ocupação, tendo direito de exploração sobre seus territórios.

No século XX, o governo salazarista português endurece as relações com as colônias africanas, impondo-lhes forte censura e perda da liberdade de expressão. As elites intelectuais uniram-se contra o regime ditatorial, ao mesmo tempo em que o Socialismo e o Marxismo influenciavam seus ideais, bem como os de jovens estudantes e mesmo os de membros da Igreja e das Forças Armadas. Com a presidência de Marcelo Caetano no ano de 1968, embora se tenha iniciado um período de abertura política, reprimindo-se a censura, as lutas de libertação nacional nas colônias africanas, que ocorriam no mesmo período, não foram atendidas, acarretando um levante universitário, com a participação de estudantes portugueses e africanos.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota do nazi-fascismo, intensificaram-se as lutas nos países africanos pela independência, de forma que o colonialismo se tornou insustentável para o regime salazarista, levando à sua derrocada com a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, e promovendo o processo de abertura social e política que a década anterior cobrira. A partir desse momento, é possível observar uma constante produção literária portuguesa por intelectuais que vivenciaram o período revolucionário português.

[...] desde a fase da censura ditatorial, quando ela é expressa por estratégias do discurso do silêncio, até o momento democrático da história. [...] a ficção portuguesa desses anos é, portanto, relacionada com momentos históricos da Revolução de Abril de 1974: na sua gestação, pela opressão sofrida e pela luta contra a ditadura; na sua eclosão, pelo espanto e alegria perante a inesperada mudança; na sua repercussão, pelos esforços para a conquista da democracia e busca da identidade.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Para não dizer que não falei dos cravos. In: **As razões do imaginário**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/ Editus, 1998.

Ao mesmo tempo, é possível perceber também uma incipiente produção literária nos países africanos de língua portuguesa, de forma que se pode notar que a literatura produzida nesse período (entre 1961 e 1974) apresenta marcas dos ideais defendidos pelas lutas de libertação nacional e de movimentos guerrilheiros.

O dominado se apropriando da língua do dominador

Foram muitas rupturas agenciadas pelo colonizador. Entre as mais drásticas, está o afastamento entre o colonizado e sua língua de origem. E, nesse campo, a situação atinge um patamar dramático. Porque aqui se impõe um corte de caráter irreversível. Impedindo de falar a sua língua o dominado também não tem total acesso à língua do colonizador. Seu universo fica assim comprometido pelo risco da incomunicabilidade, que levaria à morte de toda e qualquer forma cultural. Para fugir à situação de emparedamento, a saída deve se guiar pelo pragmatismo, ou seja,

para expressar a luta contra o mal que se abateu sobre o seu mundo, é necessário valer-se de um dos instrumentos de dominação: a língua do outro.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique** – experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê Editorial, 2005, p. 52.

Figura 1 - Bandeira de São Tomé e Príncipe



Fonte: <http://www.1001bandeiras.com/afrika/sao-tome-e-principe>

Embora as lutas pela independência tenham-se dado com mais força em países como Moçambique e Angola, em São Tomé e Príncipe, a repressão contra os movimentos de guerrilha não foi diferente, especialmente nos últimos anos da dominação portuguesa sobre o arquipélago, que vivenciou um período marcado por massacres.

O Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) foi o grande responsável para a conquista da independência, proclamada em 12 de julho de 1975. Embora em seus primeiros anos tenha sido adotado um regime socialista, de partido único, desde 1990, o país adotou o pluripartidarismo. Hoje, a República Democrática de São Tomé e Príncipe investe no turismo e na extração de cacau para sua principal fonte de receita, embora o quadro possa mudar com a recente descoberta de petróleo na região.

Poesia santomense

A literatura de São Tomé e Príncipe tem uma preocupação, desde sua fundação, em repensar a existência de sua nação antes e após a independência do país. Os tempos de luta de libertação, bem como a conquista pela independência política são marcados especialmente pela utopia da construção de nações livres e de novas identidades, que haviam sido apagadas pela opressão colonial.

Ao mesmo tempo em que passam a nutrir um sentimento de orgulho e de amor pelo seu continente, intelectuais do arquipélago produzem uma literatura cujos temas perpassam por um carácter universal. São poemas que falam desde a **luta contra o colonialismo**, a **reconstrução** de um país recém-independente, poemas que exaltam a **africanidade**, ou temas universais como o **amor**, a **utopia** de futuros melhores, por exemplo.

Alda do Espírito Santo

Figura 2 - Alda do Espírito Santo



Fonte:
<http://www.elfikurten.com.br/2015/07/alda-espirito-santo.html>

Alda do Espírito Santo (1926-2010) nasceu na ilha de São Tomé. Foi poeta, professora e jornalista. Mudou-se na juventude para Portugal, onde fez contato com importantes escritores e intelectuais que viriam a ser os futuros dirigentes dos movimentos de independência dos países africanos que eram colônias portuguesas. Por isso, passou a ser perseguida por suas posições anticolonialistas. Participou ativamente da vida política de seu país, como deputada, chegando a ocupar o cargo de Ministra da Educação e Cultura.

AVÓ MARIANA

Avó Mariana, lavadeira
 dos brancos lá da Fazenda
 chegou um dia de terras distantes
 com seu pedaço de pano na cintura
 e ficou.
 Ficou a Avó Mariana
 lavando, lavando, lá na roça
 pitando seu jessu
 à porta da sanzala
 lembrando a viagem dos seus campos de sisal.

Num dia sinistro
 p'ra ilha distante
 onde a faina de trabalho
 apagou a lembrança
 dos bois, nos óbitos
 lá no Cubal distante.

Avó Mariana chegou
 e sentou-se à porta da sanzala
 e pitou seu jessu
 lavando, lavando
 numa barreira de silêncio.

Os anos escoaram
 lá na terra calcinante.

- "Avó Mariana, Avó Mariana
 é a hora de partir.
 Vai rever teus campos extensos
 de plantações sem fim".

- "Onde é terra di gente?
 Velha vem, não volta mais..."

EM TORNO DA MINHA BAÍA

Em torno da minha baía
 Aqui, na areia,
 Sentada à beira do cais da minha baía
 do cais simbólico, dos fardos,
 das malas e da chuva
 caindo em torrentes
 obre o cais desmantelado,
 caindo em ruínas
 eu queria ver à volta de mim,
 nesta hora morna do entardecer
 no mormaço tropical
 desta terra de África
 à beira do cais a desfazer-se em ruínas,
 abrigados por um toldo movediço
 uma legião de cabecinhas pequenas,
 à roda de mim,
 num voo magistral em torno do mundo
 desenhando na areia
 a senda de todos os destinos
 pintando na grande tela da vida
 uma história bela
 para os homens de todas as terras
 ciciando em coro, canções melodiosas
 numa toada universal
 num cortejo gigante de humana poesia
 na mais bela de todas as lições:

HUMANIDADE

In **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa:
 Ulmeiro, 1978.

Cheguei de muito longe,
anos e mais anos aqui no terreiro...
Velha tonta, já não tem terra
Vou ficar aqui, minino tonto".

Avó Mariana, pitando seu jessu
na soleira do seu beco escuro,
conta Avó Velhinha
teu fado inglório.
Viver, vegetar
à sombra dum terreiro
tu mesmo Avó minha
não contarás a tua história.

Avó Mariana, velhinha minha,
pitando seu jessu
na soleira da senzala
nada dirás do teu destino...
Porque cruzaste mares, avó velhinha,
e te quedaste sozinha

pitando teu jessu?

In **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa:
Ulmeiro, 1978, p. 51-52.

ÀS MULHERES DA MINHA TERRA

Irmãs, do meu torrão pequeno
Que passais pela estrada do meu país de África
É para vós, irmãs, a minha alma toda inteira
— Há em mim uma lacuna amarga —
Eu queria falar convosco no nosso crioulo
cantante
Queria levar até vós, a mensagem das nossas
vidas
Na língua maternal, bebida com o leite dos
nossos primeiros dias
Mas irmãs, vou buscar um idioma emprestado
Para mostrar-vos a nossa terra
O nosso grande continente,
Duma ponta a outra.
Queria descer convosco às nossas praias
Onde arrastais as gibas da beira-mar
Sentar-me, na esteira das nossas casas,
Contar convosco os dez mil réis
Do carço vendido
Na loja mais próxima,
Do vinho de palma
Regateado pelos caminhos,
Do andim vendido à pinha,
Às primeiras horas do dia.
Queria também
Conversar com as lavadeiras dos nossos rios
Sobre a roupa de cada dia
Sobre a saúde dos nossos filhos
Róidos pela febre
Calcurreando léguas a caminho da escola.

Irmã, a nossa conversa é longa.

ILHA NUA

Coqueiros e palmares da Terra Natal
Mar azul das ilhas perdidas na conjuntura dos
séculos
Vegetação densa no horizonte imenso dos
nossos sonhos.
Verdura, oceano, calor tropical
Gritando a sede imensa do salgado mar
No deserto paradoxal das praias humanas
Sedentas de espaço e devida
Nos cantos amargos do ossobô
Anunciando o cair das chuvas
Varrendo de rijo a terra calcinada
Saturada do calor ardente
Mas faminta da irradiação humana
Ilhas paradoxais do Sul do Sará
Os desertos humanos clamam
Na floresta virgem

Dos teus destinos sem planuras...

In **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa:
Ulmeiro, 1978, p. 121.

NO MESMO LADO DA CANOA

As palavras do nosso dia
são palavras simples
claras como a água do regato,
jorrando das encostas ferruginosas
na manhã clara do dia-a-dia.

É assim que eu te falo,
meu irmão contratado numa roça de café
meu irmão que deixas teu sangue numa ponte
ou navegas no mar, num pedaço de ti mesmo
em luta
[com o gandu
Minha irmã, lavando, lavando
p'lo pão dos seus filhos,
minha irmã vendendo carço
na loja mais próxima
p'lo luto dos seus mortos,
minha irmã conformada
vendendo-se por uma vida mais serena,
aumentando afinal as suas penas...
É para vós, irmãos, companheiros da estrada
o meu grito de esperança
convosco eu me sinto dançando
nas noites de tuna
em qualquer fundão, onde a gente se junta,
convosco, irmãos, na safra do cacau,
convosco ainda na feira,
onde o izaquente e a galinha vão render
dinheiro.
Convosco, impelindo a canoa p'la praia
juntando-me convosco
em redor do voador panhá

É longa a nossa conversa.
 Através destes séculos
 De servidão e miséria...
 É longa a estrada do nosso penar.
 Nossos pés descalços
 Estão cansados de tanta labuta...
 O dinheiro não chega
 Para vencer a nossa fome
 Dos nossos filhos
 Sem trabalho
 Engolindo a banana sem peixe
 De muitos dias de penúria.

Não vamos mais fazer “nozados” longos
 Nem lançar ao mar
 Nas festas de Santos sem nome
 A saúde das nossas belas crianças,
 A esperança da nossa terra.

Uma conversa longa, irmãos.
 Vamos juntar as nossas mãos
 Calosas de partir caroço
 Sujas de banana
 “Fermentada” no “macucu”
 Na nossa cozinha
 De “vá plegá”...

A nossa terra é linda, amigas
 E nós queremos
 Que ela seja grande...
 Ao longo dos tempos!...
 Mas é preciso, Irmãs
 Conquistar as Ilhas inteiras
 De lés a lés.

Amigas, as nossas mãos juntas,
 As nossas mãos negras
 Prendendo os nossos sonhos estéreis
 Varrendo com fúria
 Com a fúria das nossas “palayês”
 Das nossas feiras,
 As coisas más da nossa vida.

Mas é preciso conversar
 Ao longo dos caminhos.
 Tu e eu minha irmã.
 É preciso entender o nosso falar
 Juntas de mãos dadas,
 Vamos fazer a nossa festa...!

A festa descerá
 Ao longo de todas as vilas
 Agitará as palmeiras mais gigantes
 E terá uma força grande
 Pois estaremos juntas irmãs
 Juntas na vida
 Da nossa terra
 Mas é preciso conhecer
 A razão das nossas secretas angústias.
 Procurar vencer Irmãs

juntando-me na gamela
 vadô tlebessá
 a dez tostões.

Mas as nossas mãos milenárias
 separam-se na areia imensa
 desta praia de S. João
 porque eu sei, irmão meu, tisonado como eu p'la
 vida,
 tu pensas irmão da canoa
 que nós os dois, carne da mesma carne
 batidos p'los vendavais do tornado
 não estamos do mesmo lado da canoa.

Escureceu de repente.
 Lá longe no outro lado da Praia
 na ponta de S. Marçal
 há luzes, muitas luzes
 nos quixipás sombrios...
 O pito dóxi arrepiante, em sinais misteriosos
 convida à unção desta noite feiticeira...
 Aqui só os iniciados
 no ritmo frenético dum batuque de
 encomendação
 aqui os irmão do Santu
 requebrando loucamente suas cadeiras
 soltando gritos desgarrados,
 palavras, gestos,
 na loucura dum rito secular.

Neste lado da canoa, eu também estou irmão,
 na tua voz agonizante, encomendando preces,
 juras,
 [Maldições.

Estou aqui, sim, irmão
 nos nozados sem tréguas
 onde a gente joga
 a vida dos nossos filhos.
 Estou aqui, sim, meu irmão
 no mesmo lado da canoa.

Mas nós queremos ainda uma coisa mais bela.
 Queremos unir as nossas mãos milenárias,
 das docas dos guindastes
 das roças, das praias
 numa liga grande, comprida
 dum pólo a outro da terra
 p'los sonhos dos nossos filhos
 para nos situarmos todos do mesmo lado da
 canoa.

E a tarde desce...
 A canoa desliza serena,
 rumo à Praia Maravilhosa
 onde se juntam os nossos braços
 e nos sentamos todos, lado a lado,
 na canoa das nossas praias.

In **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa:
 Ulmeiro, 1978.

A fúria do rio
 Em dias de tornado
 Saber a razão
 Encontrar a razão de tudo...
 “Os nossos filhos
 O nosso filho morreu
 Roído pela febre”...
 Muitos pequeninos
 Morrem todos os dias
 Vencidos pela febre
 Vencidos pela vida...

 Não gritaremos mais
 os nossos cânticos dolorosos
 Prenhes de eterna resignação...
 Outro canto se elevará Irmãs,
 Por cima das nossas cabeças.
 Vamos procurar a razão.
 A hora das nossas razões vencidas
 Se avizinha.
 A hora da nossa conversa
 Vai ser longa.
 De roda do carço
 De roda das cartas
 escritas por outrém,
 Porque a fome é grande
 E nós não sabemos ler.
 Não sabemos ler, irmãs
 Mas vamos vencer o medo.
 Vamos vencer nosso medo
 De sermos sós na terra imensa.
 Jamais estaremos solitárias...
 Porque a nossa força há-de crescer.
 E então conquistaremos
 para nós
 para os filhos gerados no nosso ventre,
 Nas nossas horas de Angústia
 — Para nós —
 A nossa bela terra
 No dia que se avizinha
 Saindo das nossas bocas,
 Uma palavra bela
 Bela e silenciosa
 A palavra mais bela
 Ciciada no nosso crioulo,
 A palavra sem nome
 Entoadada no silêncio
 Num coro gigante
 Correndo ao longo das nossas cascatas,
 Das cachoeiras mais distantes,
 O canto do silêncio, Irmãs
 Há-de soar
 Quando chegar a Gravana.
 E por hoje, Irmãs
 Aguardemos a gravana
 Ao longo das nossas conversas
 No serão das nossas casas
 sem nome.

In **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa:
 Ulmeiro, 1978, p.81-85.

LÁ NO ÁGUA GRANDE

Lá no "Água Grande" a caminho da roça
 negritas batem que batem co'a roupa na pedra.
 Batem e cantam modinhas da terra.

Cantam e riem em riso de mofa
 histórias contadas, arrastadas pelo vento.

Riem alto de rijo, com a roupa na pedra
 e põem de branco a roupa lavada.

As crianças brincam e a água canta.
 Brincam na água felizes...
 Velam no capim um negrito pequenino.

E os gemidos cantados das negritas lá do rio
 ficam mudos lá na hora do regresso...

Jazem quedos no regresso para a roça.

In **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa:
 Ulmeiro, 1978, p. 35.

Conceição Lima

Figura 3 - Conceição Lima



Fonte:
<http://www.elfikurten.com.br/2016/08/conceicao-lima.html>

Maria da Conceição Costa de Deus Lima (1961-) nasceu em Santana, na ilha de São Tomé. Jornalista, formada em Portugal, regressa ao seu país de origem para trabalhar na imprensa, rádio e televisão, nos quais exerceu cargos de direção, desempenhando importante papel em São Tomé e Príncipe após a independência. É licenciada em Estudos Afro-portugueses e brasileiros pela *King's College* de Londres e mestre em Estudos Africanos. Atualmente reside em Londres, trabalhando como jornalista e produtora dos serviços de Língua Portuguesa da BBC.

A CASA

Aqui projectei a minha casa:
 alta, perpétua, de pedra e claridade.
 O basalto negro, poros
 viria da Mesquita.
 Do Riboque o barro vermelho
 da cor dos ibiscos
 para o telhado.

Enorme era a janela e de vidro
 que a sala exigia um certo ar de praça.
 O quintal era plano, redondo
 sem tranca nos caminhos.

Sobre os escombros da cidade morta
 projectei a minha casa
 recortada contra o mar.

Aqui.
 Sonho ainda o pilar –
 uma rectidão de torre, de altar.
 Ouço murmúrios de barcos
 na varanda azul.
 E reinvento em cada rosto fio
 a fio

as linhas inacabadas do projecto

In **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

AFROINSULARIDADE

Deixaram nas ilhas um legado
 de híbridas palavras e tétricas plantações

engenhos enferrujados proas sem alento
 nomes sonoros aristocráticos
 e a lenda de um naufrágio nas Sete Pedras

A HERANÇA

Sei que buscas ainda
 o secreto fulgor dos dias
 anunciados.
 Nada do que te recusam
 devora em ti
 a memória dos passos calcinados.
 É tua casa este exílio
 este assombro esta ira.
 Tuas as horas dissipadas
 o hostil presságio
 a herança saqueada.
 Quase nada.
 Mas quando direito e lúgubre
 marchas ao longo da Baía
 um clamor antigo
 um rumor de promessa
 atormenta a Cidade.
 A mesma praia te aguarda
 com seu ventre de fruta e de carícia
 seu silêncio de espanto e de carência.
 Começarás de novo, insone
 com mãos de húmus e basalto
 como quem reescreve uma longa profecia

In **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

DESCOBERTA

Após o ardor da reconquista
 não caíram manás sobre os nossos campos.
 E na dura travessia do deserto
 Aprendemos que a terra prometida
 era aqui.
 Ainda aqui e sempre aqui.
 Duas ilhas indómitas a desbravar.

Aqui aportaram vindos do Norte
 por mandato ou acaso ao serviço do seu rei:
 navegadores e piratas
 negreiros ladrões contrabandistas
 simples homens
 rebeldes proscritos também
 e infantes judeus
 tão tenros que feneceram
 como espigas queimadas

Nas naus trouxeram
 bússolas quinquilharias sementes
 plantas experimentais amarguras atrozes
 um padrão de pedra pálido como o trigo
 e outras cargas sem sonhos nem raízes
 porque toda a ilha era um porto e uma estrada
 sem regresso
 todas as mãos eram negras forquilhas e enxadas

E nas roças ficaram pegadas vivas
 como cicatrizes — cada cafeeiro respira agora
 um
 escravo morto.

E nas ilhas ficaram
 incisivas arrogantes estátuas nas esquinas
 cento e tal igrejas e capelas
 para mil quilómetros quadrados
 e o insurrecto sincretismo dos paços natalícios.
 E ficou a cadência palaciana da ússua
 o aroma do alho e do zêtê d'óchi
 no tempi e na ubaga téla
 e no calulu o louro misturado ao óleo de palma
 e o perfume do alecrim
 e do mlajincon nos quintais dos luchans

E aos relógios insulares se fundiram
 os espectros — ferramentas do império
 numa estrutura de ambíguas claridades
 e seculares condimentos
 santos padroeiros e fortalezas derrubadas
 vinhos baratos e auroras partilhadas

Às vezes penso em suas lívidas ossadas
 seus cabelos podres na orla do mar
 Aqui, neste fragmento de África
 onde, virado para o Sul,
 um verbo amanhece alto
 como uma dolorosa bandeira.

In **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

GRAVANA

Na nossa terra, amiga, há um tempo
 de silêncio e caules ressequidos

Chega com metacarpos definhados
 quando na úbua desfalece a trepadeira

O padrão a ser erguido
 pela nudez insepulta dos nossos punhos.

In PATRAQUM, Luís Carlos. **Vozes poéticas da lusofonia**. Sintra: Edição Câmara Municipal de Sintra, 1999.

MÁTRIA

Quero-me desperta
 se ao útero da casa retorno
 para tactear a diurna penumbra
 das paredes
 na pele dos dedos rever a maciez
 dos dias subterrâneos
 os momentos idos

Creio nesta amplidão
 de praia talvez ou de deserto
 creio na insônia que verga
 este teatro de sombras

E se me interrogo
 é para te explicar
 riacho de dor cascata de fúria
 pois a chuva demora e o obô entristece
 ao meio-dia

Não lastimo a morte dos imbondeiros
 a Praça viúva de chilreios e risonhos dedos

Um degrau de basalto emerge do mar
 e nas danças das trepadeiras reabito
 o teu corpo
 templo mátrio
 meu castelo melancólico

de tábuas rijas e de prumos

In **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

Entra com o bafo poeirento
rarefaitas as unhas, candrezados os ramos
e ulula de mansinho nos bananais
como um melancólico aviso

É um tempo de folhas sem orvalho e mem-lôfi
de pagauês doridos, carentes de leite
de soturna claridade ao pôr do sol

A fria brisa nos diz que esse tempo virá
E cobertas de pó
ficarão as hastes do pilincano
imoladas ao hálito da terra

Será triste o rio e seu nome
na lonjura do vági

mortas estarão as casas e suas janelas
morto o suim-suim e seu canto
morto o macucú e a ubaga velha

A pele de pitangueiras e salambás beberá
das frutas torrenciais a lembrança
porque o luchan estará morto
amiga

Mas sobre a pedra e o fogo
tua voz de imbondeiro crescerá do barro
para resgatar a praça em nova festa
para ressuscitar o povo e sua gesta.

In **O útero da Casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

Atividades de Compreensão para serem feitas em grupo, com o auxílio do professor.

1. Nota-se que a literatura produzida pelas duas poetisas é bastante engajada. Releia alguns dos poemas anteriores e observe de que forma a condição de colonizados aparece nos poemas de Alda do Espírito Santo e de Conceição Lima.
2. Como um país recentemente independente, a língua portuguesa ainda se faz presente como a principal língua falada em São Tomé e Príncipe. Contudo, nota-se que há uma preocupação por parte das poetisas em fazer um registro das línguas orais faladas no arquipélago. Reflita e comente sobre o porquê dessa preocupação.
3. Releia o poema “Às mulheres da minha terra”, de Alda, e “Gravana” de Conceição. Considerando que há uma espécie de diálogo entre ambos os textos, em que eles dialogam? Considerando que há o vocativo “irmãs”, no primeiro poema, e “amiga”, no segundo, quem pode ser entendido como o interlocutor do eu poético de cada um deles?
4. Considerando os poemas lidos, argumente: qual seria a função do artista/poeta em nossa sociedade? Sobre que assunto você acha que o poeta precisa escrever?
5. Leia os poemas “Afroinsularidade”, de Conceição Lima, e “Avó Mariana”, de Alda do Espírito Santo, e comente sobre os efeitos da intervenção europeia

sobre o continente africano, especialmente, sobre o sujeito africano no período colonial.

Atividade de Pesquisa

A atividade seguinte pretende ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a literatura santomense cuja produção estabelece um profundo diálogo com a história do país. Para isso, propõe-se uma atividade de pesquisa que envolva textos de outros autores de São Tomé e Príncipe. A pesquisa pode ser feita em livros, revistas, internet, ou em outros recursos disponíveis na biblioteca da escola.

Ao final, os alunos deverão apresentar um trabalho abordando os seguintes aspectos: bibliografia do autor pesquisado; sua importância para a literatura santomense; textos literários com a respectiva discussão; relação desses textos com o contexto africano da época.

As orientações sobre essas atividades deverão ser feitas tendo em vista o autor pesquisado. Cada grupo deverá escolher um dos seguintes autores: Caetano de Costa Alegre, Manuela Margarido, Francisco José Tenreiro, Marcelo Veiga, Olinda Beja e Tomás Medeiros. O resultado da pesquisa pode ser apresentado em vídeo ou apresentação em sala. O critério de avaliação do professor pode ser feito por meio da observação quanto à participação do aluno nas atividades propostas.

5 PORTIFÓLIO

A minha motivação para o ingresso na Especialização em História da África, da Universidade Federal de Juiz de Fora, deve-se aos seguintes aspectos: primeiramente, pelo fato de, embora seja pouco explorada, essa área ressonar de uma visão crítica precursora e à altura de sua relevância, remetendo-lhe a consideração e o respeito merecidos; em segundo lugar, e até mesmo em razão do primeiro motivo, por ser um tema que oferece muitas possibilidades de estudos e pesquisas; por fim, trata-se de uma área que estabelece particular influência sobre meus interesses a ponto de seduzir-me a conhecê-la mais profundamente.

Esses três aspectos convergem em minha vivência pessoal e profissional de forma que se tornam difíceis de dissociá-los. Portanto, se essa área estabelece particular influência sobre meus interesses, ela não se dá apenas com relação ao

âmbito acadêmico, mas, sobretudo, em meio à história de meus antepassados, formada essencialmente por escravos vindos da África. Por esse motivo, é necessário expor resumidamente como minhas impressões subjetivas tornaram-me hoje uma acadêmica engajada no aperfeiçoamento dos estudos em História da África e cultura afro-brasileira.

Da mesma forma que em muitas outras famílias brasileiras, a árvore genealógica da minha se perde, logo a partir de meus trisavós, quando me dou conta de que o sangue de escravos vindos da África também compõe o meu.

Pelo lado de meu avô materno, sou descendente de uma escrava chamada, no Brasil, de Maria, sem sobrenome e sem lugar de origem, que fora vendida a um padre no interior de Minas Gerais para fins domésticos e que, em pouco tempo, tornou-se mãe de seus filhos. Pelo lado de minha avó materna, sou descendente de um escravo cujo nome, há muito, perdeu-se no tempo, e que cujo erro foi apaixonar-se por minha trisavó materna, branca, e com ela ter um filho, o que inevitavelmente os levou à morte mais cruel: meu trisavô não aceitou a infidelidade e o nascimento de uma criança mestiça.

A memória de meus antepassados é carregada de sombras, de vultos de personagens, cuja história é ainda hoje passada oralmente pelos mais antigos aos mais novos da família como uma forma de perpetuar a verdade e deixar acordada a lembrança de uma época de dor e esquecimento de um povo, que, no Brasil, foi relegado sem nome, lugar, tampouco, pertencimento.

As indagações em torno da despersonalização de uma subjetividade apartada de sua cultura, etnia, de sua terra de origem, estiveram presentes em mim desde a infância. Estudei em um colégio particular, considerado um dos melhores da cidade de Juiz de Fora, católico e predominantemente branco, em que só se viam alunos negros quando estes eram filhos de funcionários (a maioria faxineiros ou porteiros) negros, que haviam sido contemplados com uma bolsa de estudos, todavia, dificilmente completavam o ensino médio. Em toda a minha trajetória nesse colégio, do maternal ao terceiro ano do Ensino Médio, tive apenas um professor negro.

Os problemas de racismo que presenciei em minha escola, se eram poucos, deviam-se apenas ao fato de serem poucos os negros que nela estudavam. Ainda assim, tais problemas eram tratados de forma velada pela coordenação e pela junta inaciana de diretores e padres que integrava o colégio, que, apesar de carregar um lema de igualdade e fraternidade para todos (“formar homens e mulheres para

servir”), omitia-se em casos de discriminação e racismo. É válido ressaltar, por sua vez, que o reduzido número de estudantes negros dessa escola explica também o processo de segregação por cor, poder econômico e social que uma escola elitista muitas vezes parece querer negar.

Poder-se-ia questionar, nesse interim, o valor do processo de seleção de alunos no início do período letivo, que resultaria não só de um processo seletivo determinado por uma avaliação, mas também pelo poder aquisitivo, social e mesmo de cor da família desse possível aluno. Se, nessa escola, alunos filhos de professores ou de funcionários, que tinham bolsa de estudos, como eu, já eram discriminados e sofriam *bullying* em virtude de sua classe social não condizer com a dos demais, cujos pais tinham poder aquisitivo para pagar a alta mensalidade, é possível imaginar, então, a dupla problemática vivida pelo aluno negro e bolsista – discriminado pela cor e pela classe social. Devo ressaltar que meu relato restringe-se especialmente sensível percepção durante os anos em que fui aluna nessa instituição, de modo que, certamente, pode ter havido, no decorrer de outros períodos, alunos negros que não sofreram quaisquer demonstrações de racismo ou discriminação.

Aprendi, desde a infância – e acredito que a escola na qual estudei tenha sido predominante nessa formação de pensamento –, que o negro sempre fora subordinado na História, cabendo-lhes, nos livros didáticos, o espaço das notas de rodapé ou subtópicos de capítulos que eram eventualmente pulados pelos professores por se tratar de assuntos que, segundo eles, excediam o plano curricular ou que poderiam ser estudados em casa, mas cujos assuntos não seriam cobrados nas avaliações bimestrais.

Ademais, os personagens negros nas literaturas indicadas nas aulas de Literatura, quando apareciam, eram estereotipados, marginais, socialmente desfavorecidos, etc. Aprendi que se tratava de personagens fracos, flagelados, vítimas da História, completamente distoantes das histórias daqueles antepassados fortes, corajosos e impetuosos que eu ouvia minha avó contar, tarde da noite, como se escapasse dela algum segredo. Esses negros de minha história carregaram, sim, um passado de violência e dor que os relegou a uma condição de desidentidade e desumanidade, todavia o que diferenciou as narrativas de minha avó das narrativas que aprendi na escola perpassou, sobretudo, pelo olhar lançado sobre elas.

Vale notar que essas diferenças de perspectivas não se encontram apenas na escola; elas estão enraizadas em nosso cotidiano de forma tão banalizada que muitas

vezes não nos damos conta de que a condição do negro na sociedade brasileira atravessa uma questão estrutural, histórica e não natural, de forma que é preciso tomar cuidado para que se ensine, desde a infância, no âmbito escolar e familiar, a se conceber um olhar crítico sobre essa realidade, porque, caso contrário, estaríamos sujeitos a puerilizar a cultura afro-brasileira e posicionar o negro em um lugar-comum.

Se pensarmos nos personagens negros que líamos nas histórias infantis e que permearam nossos imaginários, como a tia Nastácia e tio Barnabé – personagens criados por um dos maiores ficcionistas brasileiros do século XX, Monteiro Lobato –, notamos que sua condição de subalternidade (à senzala não é permitida a entrada na casa grande) é tratada nas aulas de literatura infantil com certa naturalidade, sem sequer apontar questões raciais.

Em confluência com essas ideias, outro personagem que quase passa despercebido em nossa infância é Jeremias (Figura 1), criado por Maurício de Souza, em 1960, para integrar o elenco da Turma da Mônica. Se ele passa despercebido por nós, é porque claramente é pouco citado. Cascão, por sua vez, é outro personagem que, em um dos seminários do grupo de pós-graduação em História da África, foi considerado negro, contudo, como se pode perceber na Figura 2, a cor de sua pele é a mesma que a de Cebolinha. Portanto, indaga-se: uma vez que o negro eventualmente ocupa um lugar-comum na literatura brasileira, no qual ele é frequentemente estereotipado, será que se cria o imaginário de que Cascão seria negro devido a suas características de não gostar de tomar banho e ser sempre sujo? Mais do que isso, será que nós, leitores, já estamos tão acostumados a ver um personagem negro vulgarizado que sequer nos damos conta de que muitas vezes, inconscientemente, também reproduzimos esses preconceitos?

Figura 4 - Personagem Jeremias, da *Turma da Mônica*



Fonte: <http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Jeremias>

Figura 5 - Personagens Cebolinha e Cascão, da *Turma da Mônica*

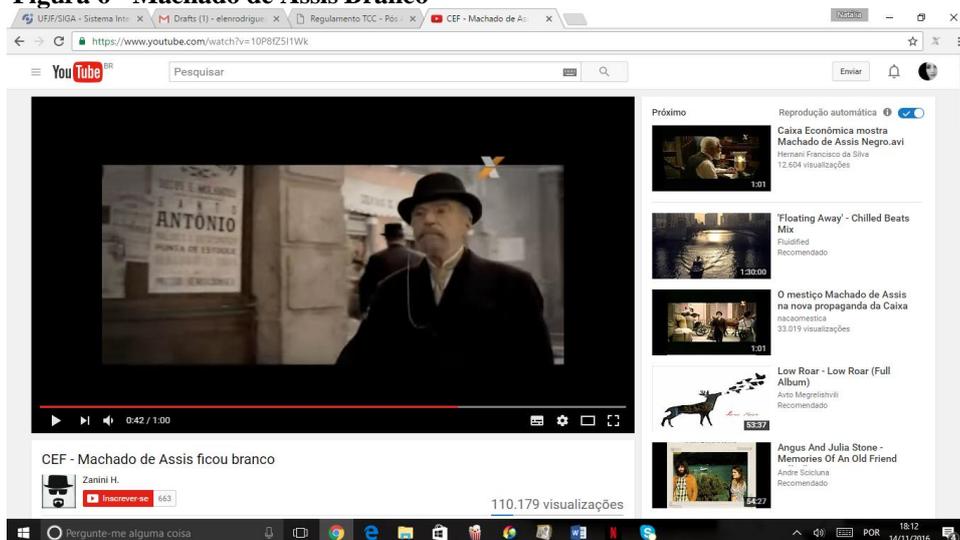


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NDgiOaikNBQ>

Outra observação latente e que muitas vezes nos passa despercebida está na quantidade de romancistas e poetas negros estudados ao longo de nossa vida acadêmica, desde a escola até a graduação, especialmente no curso de Letras. É possível notar que esses autores têm sofrido um processo lento e histórico de branqueamento não só de sua pele, mas, sobretudo, de sua escrita. Basta lembrarmos que, durante todo o ensino escolar, raramente um professor de Literatura Brasileira teve a preocupação de ressaltar as origens do maior romancista brasileiro, Machado de Assis.

Para deixar mais evidente essa preocupação histórica de embranquecimento do autor, foi destacado abaixo um filme² de comemoração dos 150 anos do Banco da Caixa, com a narração da atriz global Glória Pires, no qual se pode perceber claramente a homenagem feita ao romancista brasileiro, que é contracenado por um ator branco.

Figura 6 - Machado de Assis Branco



Na época, o vídeo promovido pelo Banco da Caixa recebeu tantas críticas, que a propaganda teve que ser relançada³, dessa vez com um ator negro atuando como Machado de Assis. Jorge Hereda, ex-presidente do Banco da Caixa Econômica Federal, emitiu uma nota de desculpas⁴ à população e especialmente

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ511W>>. Acesso em: 14 Nov 2016.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=idaAFaYXnAM>>. Acesso em: 14 Nov 2016.

⁴ Nota de desculpas disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/09/21/caixa-tira-do-ar-propaganda-com-machado-de-assis-branco/>>. Acesso em: 11 Nov 2016.

aos movimentos ligados às causas raciais pelo erro em não terem representado fielmente o romancista.



A tarefa de professores, em sala de aula, como formadores de sujeitos críticos e pensantes, seria começar a agir em pontos comuns como esses, considerados aparentemente banais, mas que geram uma série de questionamentos. Atuando dessa forma, os professores levam os alunos a pensar a partir de uma nova perspectiva, a qual nos é cotidianamente tolhida seja pela sociedade seja pelos meios midiáticos, como as telenovelas, por exemplo, que, durante muito tempo, delegaram aos atores negros os papéis de escravos, empregadas domésticas, moradores de favelas, enfim, personagens cujos lugares marginalizados configuravam os únicos nos quais a sociedade elitista e branca, no Brasil, gostaria que pertencessem, tanto na ficção como na realidade.

Meu interesse em realizar estudos sobre a História da África na dinâmica do currículo e do cotidiano escolar da educação básica, a fim de revelar a multiplicidade cultural latente na contemporaneidade, que é influenciada por questões de diversidade política, social e econômica de outro continente tão familiar ao nosso, deveu-se também pelos motivos apontados anteriormente. Embora eu tenha tido oportunidade de fazer parte do corpo docente de uma escola considerada excelência de ensino na cidade, sinto que nesse aspecto o ensino foi tão defasado quanto poderia ser o de qualquer outra instituição educacional.

Com a intenção de se imiscuir em questões raciais, que sempre foram latentes no país, a semana do Orgulho Negro era lembrada e de alguma forma celebrada em minha escola. Esse espaço, contudo, em vez de consistir numa reflexão continuada sobre a afro-brasilidade ou a identidade negra, era restrito a uma semana do ano, quando o aluno que se identificasse com a semana da consciência negra poderia transitar pela escola com uma faixa negra amarrada no braço direito.

Quando ingressei no curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2009, a lei 10.639/03 já vigorava há seis anos. Nessa época, a faculdade de Letras estava adotando um novo currículo – até mesmo para atender a essa demanda –, cuja mudança minha turma foi uma das primeiras a receber.

Cursei uma disciplina intitulada Estudos Comparados em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, lecionada pelo professor Edimilson de Almeida Pereira. Além disso, com a finalidade de aprimorar meus estudos relacionados à área participei como ouvinte do curso “Literatura de Afrodescendentes – A vida e a obra de escritores brasileiros”, promovido pela UFJF e ministrado pela professora Cecy Barbosa Campos.

Aperfeiçoei-me nos estudos de literaturas de diáspora, quando tive a oportunidade de participar, por três anos, como bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa “Viagem por outros mares: diáspora africana e seus mapas literários”, coordenado pelo professor Edimilson Pereira, na Faculdade de Letras da UFJF. O respectivo projeto procurou, entre outros objetivos, salientar os processos de construção de identidades e de autonomização estética desencadeados por autores que, de maneira explícita ou não, tinham suas obras relacionadas ao ambiente da diáspora africana.

No primeiro ano dessa bolsa, o trabalho desenvolvido por nós sobre a poética do poeta afro-brasileiro Ronald Augusto foi premiado no XVIII Seminário de Iniciação Científica, sediado pela UFJF. Nos anos seguintes, escrevi, em parceria com o mesmo orientador, dois artigos sobre literatura afro-brasileira, um dos quais “O enigmático olhar do outro sobre si mesmo: notas sobre o livro *O Estranho*, de Oswald de Camargo”, publicado pela revista *Brasiliana: journal for brazilian studies*. Apresentei, em 2015, uma mesa, mediada pelo professor Edimilson Pereira, na VI Semana de Letras da faculdade de Letras da UFJF, cujo tema foi literatura afro-brasileira e no qual minha fala se destinou à poética de Adão Ventura. No mesmo ano, participei como ouvinte do evento “O ensaio negro ibero-americano” realizado

pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFJF. No presente ano, participei do mesmo Simpósio, sediado dessa vez pela UFPR, e apresentei um trabalho crítico sobre a poética do poeta afro-brasileiro Adão Ventura.

Como se vê, desde o início da graduação, dediquei-me a esses temas, participando de projetos, minicursos, eventos e publicando artigos literários relacionados à área. No entanto, se havia uma boa formação sobre os estudos africanos e afro-brasileiros no âmbito literário em meu currículo acadêmico, havia ainda debilidade em meus estudos quanto à História da África em si e em como eu poderia aplicar esse conhecimento em sala de aula.

Tendo obtido meu diploma em julho de 2015, ainda tinha o interesse em continuar minha carreira dedicando-me aos estudos africanos e afro-brasileiros. Por esse motivo, participei do processo de seleção de Mestrado em Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais, no qual, após ter sido aprovada, meu objeto de pesquisa – sob a orientação da professora doutora Prisca Agustoni de Almeida Pereira – destinou-se a abordar o par dilemático escrita de identidade/escrita no feminino sob a égide da poética de Conceição Lima, poeta de São Tomé e Príncipe. A intenção do projeto é constatar a urgência com que a mulher escritora, nos países africanos de língua portuguesa, procura assumir uma escrita que, mesmo repleta de intimismo, revela-se comprometida com as questões do universo feminino, por representar a voz da mulher silenciada pelas fortes tradições e por regimes coloniais repressores.

O ingresso no curso de especialização em História da África, da UFJF, foi extremamente importante para o enriquecimento dos meus estudos, porque tem dialogado sempre com os assuntos aos quais já tenho me dedicado com afinco.

Se, por um lado, tive a oportunidade de realizar meus estudos de culturas africanas e afro-brasileiras, construindo um currículo que, hoje, me orgulha, por outro lado, vejo que meus estudos limitam-se à área literária e ao curso de Letras, de forma que, assim que graduei, senti necessidade de expandir meus horizontes a outras áreas afins. Foi quando tive a oportunidade de ingressar no curso de pós-graduação em História da África e, conseqüentemente, entrar em contato com novos profissionais, especializados no assunto, que me ajudaram a complementar meus estudos.

Ao conhecer as vivências de professores e estudiosos de várias áreas no curso de pós-graduação, muito mais experientes, e ver como eles têm lutado diariamente, tanto em sala de aula como em comunidade, para conseguirem aquilo

que, um dia, pensei ser utópico – uma vez que ensinar História da África na escola, significa ensinar também respeito ao próximo, tolerância, e, sobretudo, luta pela igualdade –, tem sido uma experiência fundamental para minha formação.

O curso de especialização tem sido imprescindível em minha vida profissional, e, sobretudo, pessoal, uma vez que, muito além de apenas complementar meu currículo, as reflexões propostas em sala de aula, as discussões abertas pelos professores e a diversidade de vivências relatadas pelos meus colegas têm expandido meu horizonte de expectativas e possibilidades, de forma que tenho aprendido a produzir um pensamento reflexivo não só sobre a História da África, mas sobre tudo o que ela envolve.

A percepção, em primeiro lugar, de que o continente africano consubstancia uma das raízes fundamentais de nossa cultura, e, por isso, lutar pela sua sobrevivência é lutar também pela permanência da nossa identidade, é essencial. Decorrente disso, em segundo lugar, desconstruir o falso imaginário concebido do continente africano e das culturas de raízes africanas, sendo possível chegar ao cerne de questões polêmicas como o racismo, os movimentos de lutas raciais e suas conquistas, para, enfim, poder-se argumentar sobre eles.

Trata-se, portanto, de reflexões que têm sido substanciais em minha vida como professora recém-graduada, uma vez que, nessas aulas, tenho a oportunidade de abranger meu conhecimento e pensar como trabalhar essas questões no âmbito escolar. A divisão do curso em módulos permite-nos refletir acerca das representações da África em vários contextos históricos, especialmente, no Brasil, e as análises teóricas sobre raça, racismo, movimentos sociais, desconstruções de imaginários, seja de nosso país sobre a África, seja do continente europeu sobre ela, enfim, assuntos sobre quais não tive a oportunidade de estudar a fundo em minha área, ou, se tive, deu-se por outro viés.

Ainda não posso testemunhar com profundidade como os estudos de História da África influenciaram e têm interferido no meu trabalho como professora, porque, tendo formado recentemente e me dedicado a duas pós-graduações, posterguei minha entrada no mercado de trabalho, de forma que, atualmente, tenho atuado apenas como professora particular, prestando assessoria pedagógica a alunos do sexto ano do ensino básico ao terceiro ano do ensino médio. Porém, embora ainda não tenha tido a oportunidade de aplicar meus estudos em sala de aula, tenho sentido cada vez mais a necessidade – sempre que as interferências permitem – em acrescentar conteúdos de

reflexões sobre a cultura afro-brasileira e/ou de literatura africana de língua portuguesa em intertextualidade e diálogo com textos de literatura brasileira, ou ainda salientar quando possível toda a literatura brasileira escrita por poetas e/ou romancistas afro-brasileiros cujo lugar, ao longo da história, foi delegado à margem.

Até hoje, a receptividade dos meus alunos particulares quanto aos assuntos relacionados à História da África e seus desdobramentos tem sido positiva. Acredito que, por se tratar de aulas particulares, o aluno se sinta mais aberto a diálogos cujos assuntos, no âmbito escolar, muitas vezes impedem-nos de opinar.

Ensinar tais conteúdos permite-me tratar questões relacionadas a racismo, diferenças sociais, marginalidade, políticas de inclusão, relações de poder, enfim, temas que transitam não só no meio literário, como também no histórico, a fim de que o aluno possa despertar o senso crítico para realidades urgentes e discussões necessárias a serem feitas na sociedade hodierna.

Por meio desses diálogos, depreende-se que os alunos compreendam que a História da África encontra-se intimamente ligada à História do Brasil e cuja ligação se dá por meio da escravidão, que estreitou as relações entre o continente africano e o nosso país. Em uma sociedade de valores predominantemente brancos e classicistas, as manifestações religiosas, culturais, artísticas e musicais de matriz africanas sofrem cotidianamente repreensões, preconceitos e aviltamentos, quer seja pelos meios midiáticos, políticos e mesmo religiosos.

O meu dever como professora, mais do que passar o conteúdo curricular ao aluno, é de abrir as portas para essa realidade que se evidencia na mídia, no meio escolar, familiar, na sociedade em geral, que precisa ser discutida.

Ademais, além de ressignificar meu trabalho como professora, os debates realizados nas aulas do curso de especialização em História da África, bem como as leituras realizadas ao longo do curso têm me possibilitado criar um pensamento crítico sobre muitas percepções, as quais tenho transferido aos estudos do mestrado na Faculdade de Letras, de forma que minha pesquisa sobre Literaturas Africanas em Língua Portuguesa tem se tornado mais contundente e, acredito, ainda mais significativa, visto que a falta que eu julgava ter em minha formação na área tem sido cada vez mais suplantada pelo curso de especialização.

Penso que a escola de hoje deveria ser um lugar de promoção da inquietação do aluno, ou, nas palavras de Hatoum, uma escola que fosse capaz de “ensinar as múltiplas mediações entre um indivíduo [...] e a sociedade”. Acredito que as práticas

pedagógicas promovidas em uma escola deveriam provocar primeiramente a produção de uma reflexão crítica no aluno, porque apenas dessa forma seria possível formar um sujeito questionador e aberto às mediações da vida.

N'O *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo lança uma ideia que se configura para mim verdadeira: “obedecer é mais fácil que entender”, afirma o jagunço letrado. De fato, se transpusermos essa assertiva ao contexto de uma sala de aula, o aluno que se destaca normalmente é aquele que obedece, entretanto, não necessariamente significa que ele seja um aluno atento às inconstâncias da vida, reflexivo e questionador, mesmo porque obediência pode implicar também passividade e apatia de pensamento.

Talvez fosse mais fácil dizer que o papel do bom professor deveria ser o de provocar a “desobediência” do aluno, se a considerarmos sinônimo de transgressão de um pensamento normativo, ou melhor, de reflexão independente e crítica, que ultrapasse as barreiras da escola. Obviamente, minha ideia não é defender uma espécie de anarquia, na qual os alunos possam se livrar de todas as regras que regem uma escola. Em vista da realidade na qual vivemos, é necessário formar estudantes que sejam “desobedientes”, no sentido de que eles possam desenvolver um pensamento que seja perscrutador e analítico, sem o perigo de reproduzirem discursos alheios quanto aos assuntos que versem sobre qualquer assunto.

Para isso, pensar uma proposta educativa que tenha esse objetivo perpassa pela ideia de que ela deva ser, fundamentalmente, interdisciplinar, uma vez que o diálogo entre várias disciplinas permitiria ao jovem construir uma consciência crítica que, se inicialmente fosse auxiliada pelos professores, o aluno seria capaz de, no futuro, promover esses intercâmbios sozinho.

Minha proposta de atividade pedagógica é trabalhar as narrativas orais da nossa cultura, mais precisamente as cantigas de capoeira afro-brasileiras para, a partir delas, ressaltar as disciplinas de História, Artes, Geografia, Educação Física, Música e Língua Portuguesa, que seriam as norteadoras de reflexões abarcando o processo de resgate da identidade negra, bem como de sua cultura.

Inicialmente, seria disponibilizada aos alunos do nono ano do Ensino Básico uma série de cantigas de capoeira, como estas a seguir:

TEXTO 1⁵**(cântico de capoeira)**

Senhor, senhor
 Não venha me pegar
 Senhor, senhor
 Não posso mais trabalhar (Refrão)
 (bis)
 Eu vou morrer na liberdade
 Do que viver na escravidão
 Foi palavra de um Rei
 Em defesa dos irmãos
 Eu, em Quilombos das Palmares
 Eu quis fazer minha Nação
 Para que todos fossem iguais
 Para que todos fossem irmãos
 Sem senhores, sem senzalas
 Longe da escravidão (Refrão)
 Eu fugi da Senzala
 Pro feitor não me bater
 Eu sou nego banto
 Você pode até morrer (Refrão)
 Esse mundo 'tá errado
 Feitor vai me chibatar
 Eu vim de Angola
 Pra Angola eu vou voltar (Refrão)
 (...)

TEXTO 3**Vim das Bahia pra lhe ver**

Vim das Bahia pra lhe ver
 Vim das Bahia pra lhe ver
 Vim das Bahia pra lhe ver
 pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver
 - *Vim das Bahia pra lhe ver*
 - *Vim das Bahia pra lhe ver*
 - *Vim das Bahia pra lhe ver*
 - *pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver*

 pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver,

TEXTO 2**É jôgo praticado na terra de São Salvador**

Oh meu mano
 O que foi que tu viu lá?
 Eu vi capoeira matando
 Também vi Maculelê, Capoeira!
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*
 Oh Capoeira
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*

Mas sou discípulo que aprendo
 É mestre que dou lição
 Na roda da Capoeira
 Nunca fiz um golpe em vão, Capoeira!
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*
 Oh Capoeira
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*

Eh Manuel dos Reis Machado
 Ele é fenomenal
 Ele é o Mestre Bimba
 Criador da regional, Capoeira!
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*
 Oh Capoeira
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*

Eh Capoeira é luta nossa
 Da era colonial
 E nasceu foi na Bahia
 Angola e Regional, Capoeira!
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*
 Oh Capoeira
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*

No dia que eu amanheço
 Vou na luta da minha vida
 Planto cana descascada
 E com sete dias tô nascida, Capoeira!
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*
 Oh Capoeira
 - *É jôgo praticado na terra de São Salvador*

TEXTO 4**Marinheiro só**

Eu não sou daqui. Marinheiro só.
 Eu não tenho amor. Marinheiro só.
 Eu sou da Bahia. Marinheiro só.
 E de São Salvador. Marinheiro só.
 O marinheiro, marinheiro. Marinheiro só.
 Que te ensino a navegar. Marinheiro só.
 Foi o tombo do navio. Marinheiro só.
 O foi o balanço do mar. Marinheiro só.
 O marinheiro, marinheiro. Marinheiro só.

5

Disponível em: <<http://www.kapoeira.de/lieder.html>
<http://cantocapoeira.free.fr/senzala/chansons/cantigascapu.htm>>. Acesso em: 14 Out 2016.

pra lhe ver
- pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver, pra lhe ver,
pra lhe ver

Quem te encino a mandingar. Marinheiro só.
Eu aprendi foi com João. Marinheiro só.
E aprendeu com pastinha. Marinheiro só.
La vem la vem. Marinheiro só.
Como ele vem faceiro. Marinheiro só.
Todo de branco. Marinheiro só.
Com seu bonezinho. Marinheiro só.

TEXTO 5

Lá vai viola

Esse jogo é de dentro, esse jogo é de
angola. Tim, tim, tim, lá vai viola.
Oi lá valha meu Deus, e a nossa senhora. Tim,
tim, tim, lá vai viola.
Le, le, lá vai viola. Tim, tim, tim, lá vai viola.
Olha joga menino, esse jogo é de angola. Tim,
tim, tim, lá vai viola.
Oia santa mandinga, mandinga é de
angola. Tim, tim, tim, lá vai viola.
Oi nao tem siriri, nao tem cai fora. Tim, tim, tim,
lá vai viola.
Esse jogo é embaixo, esse jogo é de
angola. Tim, tim, tim, lá vai viola.

TEXTO 6

A Manteiga Derramou

Vou dizer a meu sinhô. Que a manteiga derramou.
E a manteiga não é minha. E a manteiga é de ioiô.
Vou dizer a meu sinhô. Que a manteiga
derramou.
E a manteiga não é minha. E a manteiga é de ioiô.
Vou dizer a meu sinhô. Que a manteiga derramou.
A manteiga é de ioiô. Caiu na água e se molhou.
Vou dizer a meu sinhô. Que a manteiga derramou.
A manteiga é do patrão. Caiu no chão e
derramou.
Vou dizer a meu sinhô. Que a manteiga derramou.
A manteiga não é minha. É pra filha de ioiô...

A partir dos textos disponibilizados, seria possível, no ensino de Geografia, por exemplo, trabalhar questões que repensassem a realidade geográfica e despertassem a consciência espacial dos alunos. Norteando-se nas regiões citadas nos textos, o professor poderia guiá-los com o mapa, para, depois, utilizar a ferramenta do *Google Earth*, em sala de aula, a fim de trabalhar os espaços demográficos do presente e do passado, focando nas transformações espaciais ocorridas ao longo da história.

A heterogeneidade de povos africanos e a diversidade das regiões africanas e brasileiras seriam trabalhadas com o intuito de levar o aluno a refletir sobre o processo de miscigenação dos povos ou mesmo da distribuição da população escravizada no período colonial brasileiro, e mesmo após ele.

Assim como na Geografia, a disciplina de História poderia abarcar as questões relacionadas às diásporas africanas e como se deu a formação do povo brasileiro, bem como a formação de sociedades quilombolas, retratadas nos textos. Além disso, o professor de História poderia tratar de temas inerentes ao período escravocrata, sob um novo olhar. Isto é, as formas de resistências promovidas pelos negros escravizados, normalmente relegadas ao esquecimento pelos livros de História ou pelo próprio currículo escolar, poderiam ser aprofundadas pelo professor.

Na Educação Física, em parceria com a disciplina de Música (caso a escola a disponibilizasse) a capoeira seria ensinada como esporte e dança, considerando que seria possível que os alunos pudessem criar melodias e ritmos que combinassem com algumas das cantigas de capoeiras escolhidas por eles. Nessa atividade, eles teriam a oportunidade de explorar não só suas habilidades musicais, musicando a canção, como as corporais, praticando a capoeira, na atividade interativa entre os próprios colegas, promovendo também a interação entre eles.

Na disciplina de Artes, os alunos poderiam confeccionar seus próprios instrumentos musicais, como chocalhos (ou Caxixi) ou reco-reco, a partir de materiais recicláveis, cujos modos de preparo são facilmente encontrados na *web*⁶.

Enfim, nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, os alunos compreenderiam primeiramente o processo de dispersão da língua portuguesa e suas transformações ao longo da história. Poderiam ser estudadas as variações linguísticas do português, bem como seu processo de hibridização em contato com outras línguas e as marcas de coloquialidade nos textos. Além disso, o professor poderia ressaltar que, assim como a literatura, as representações musicais muitas vezes são capazes de expressar discursos de resistência e luta de classes, raças e etnias, incitando-os a encontrar essas marcas de resistências que normalmente se encontram subentendidas nas entrelinhas dos textos. Os alunos poderiam ser convidados a encontrar outros textos, poéticos ou musicais, conhecidos por eles que tratassem de questões semelhantes.

Ao fim, poderia ser proposta uma atividade na qual os alunos pudessem criar cantigas que, não necessariamente, precisassem se assemelhar às cantigas capoeiras, aprendidas nas aulas, mas que dialogassem com a própria realidade. Sua vida cotidiana, o bairro, a comunidade, a família, enfim, qualquer meio no qual eles estivessem inseridos, poderia tornar-se inspiração para a construção de uma cantiga pessoal e única.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Conclusão do Curso é resultado das aulas e das discussões fornecidas ao longo de toda a pós-graduação em História da África, oferecida pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (ICH-UFJF).

⁶ Disponível em: <<http://elaine-prado.blogspot.com.br/2012/05/construcao-de-instrumentos-com-material.html>>. Acesso em: 14 Out 2016.

O curso de especialização possibilitou-nos ressignificar o imaginário que a sociedade brasileira produz sobre as culturas africanas e afro-brasileira, que geralmente são fruto de estereótipos e são sujeitas a preconceitos, a fim de contribuir para a formação de um ensino mais completo, engajado e preocupado com as relações étnicas, raciais e culturais que formam nosso país.

Vale ressaltar que esta pesquisa serve apenas como base para auxiliar professores e alunos em sala de aula. Ainda há muitas lacunas das quais não foram tratadas aqui, considerando que a proposta de atividade contemplou somente a literatura produzida por duas poetisas de São Tomé e Príncipe, deixando de lado outros autores igualmente importantes – tanto que a última proposta da atividade é uma tentativa de sanar esta falta –. Além disso, optou-se por realizar um trabalho que atenta para a produção poética do arquipélago, de forma que o gênero narrativo não foi citado.

Deve-se lembrar, também, que, embora a literatura produzida em São Tomé e Príncipe tenha sido escolhida devido ao fato de ela ainda ser a menos estudada em sala de aula, considerando que em alguns livros didáticos, o capítulo referente à Literatura Africana em Língua Portuguesa contempla, quando muito, apenas a produção de países como Moçambique e Angola, ainda assim, este trabalho também reconhece a seguinte lacuna: a de que não foram citadas as literaturas de poetisas e romancistas dos outros países como Guiné Bissau, Cabo Verde, Moçambique e Angola.

Apesar desses problemas, muito tem sido feito desde a implementação da Lei 10.639/03, e a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso deve-se especialmente a este fato. Portanto, mesmo que a passos lentos, nosso trabalho, como professores e pesquisadores, tem sido feito. A proposta didática apresentada é mais um caminho facilitador para que temáticas semelhantes a esta possam ser vistas de forma mais frequente em sala de aula.

7 REFERÊNCIAS

BERG, Tiago José. **Hinos de todos os países do mundo**. São Paulo: Panda, 2008.

BRASIL. Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Ministério da Educação. Brasília: MEC, SECADI, 2003.

GOMES, Nilma Lino; AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, BID, UNESCO, 2005. p. 185 - 204.

MATA, Inocência. **Polifonias Insulares: cultura e literatura de São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Colibri, 2010.

NIEDERAUER, Silvia. África lusófona: da oralidade à crítica na arte literária. In: PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira (ORG.). **Para ler com prazer: Proposições didáticas para o ensino da literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula**. Frederico Westphalen: URI Frederico Westphalen, 2015.

PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira (ORG.). **Para ler com prazer: Proposições didáticas para o ensino da literatura e cultura africana, afro-brasileira e indígena em sala de aula**. Frederico Westphalen: URI Frederico Westphalen, 2015.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. A escola: relato de um processo inacabado de construção. **Currículo sem fronteiras**. v. 7, n. 2, p. 131-147. 2007.

7.1 REFERÊNCIAS DA PROPOSTA DIDÁTICA

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê, 2005.

COELHO, Antônio Borges. Os argonautas portugueses e o seu velo de ouro (séculos XV-XVI). In: **História de Portugal**. Bauru: EDUSC; São Paulo: UNESP; Lisboa: Instituto Camões, p. 58-9.

LIMA, Conceição. **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

NICOLA, José de. **Painel da literatura em língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2011.

_____. **Painel da literatura em língua portuguesa: Teoria e estilos de época do Brasil e Portugal.** São Paulo: Scipone, 2006.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Literatura em contexto: a arte literária luso-brasileira.** São Paulo: FTD, 2012.

PATRAQUM, Luís Carlos. **Vozes poéticas da lusofonia.** Sintra: Edição Câmara Municipal de Sintra, 1999.

SANTO, Alda do Espírito. **É nosso o solo sagrado da terra.** Lisboa: Ulmeiro, 1978.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Para não dizer que não falei dos cravos. In: **As razões do imaginário.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/ Editus, 1998.

7.2 REFERÊNCIAS DO PORTFÓLIO

CAIXA Econômica mostra Machado de Assis negro. Caixa Econômica Federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XX71Z_7p-As>. Acesso em: 14 nov 2016.

CAIXA tira do ar propaganda com Machado de Assis Branco. **Jornal do Brasil.** 21 set 2011. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/09/21/caixa-tira-do-ar-propaganda-com-machado-de-assis-branco>>. Acesso em: 11 nov 2016.

CANTIGAS. **Canto Capoeira.** Disponível em: <<http://cantocapoeira.free.fr/senzala/chansons/cantigascapu.htm>>. Acesso em: 14 out 2016.

CEF. Machado de Assis ficou branco. Caixa Econômica Federal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5l1Wk>>. Acesso em: 14 nov 2016.

MUSIK. **Capoeira regional in Karlsruhe.** Disponível em: <<http://www.kapoeira.de/lieder.html>>. Acesso em: 14 out 2016.

PRADO, Elaine. **Construção de Instrumentos com material reciclável.** Disponível em: <<http://elaine-prado.blogspot.com.br/2012/05/construcao-de-instrumentos-com-material.html>>. Acesso em: 14 out 2016.